

A libertação da Polónia no fim da Segunda Guerra Mundial cria nos polacos expectativas de uma ordem social mais justa e igualitária, capaz de exorcizar as tragédias do passado e de reconciliar a Nação com as suas tradições e valores eminentemente cristãos. Contudo, a instauração da República popular não deixa antever um percurso cómodo para aqueles que têm como referência um *horizonte absoluto* enquanto vivência de Deus, e insistem no valor da pessoa humana e no personalismo enquanto perspectiva e atitude orientadora da acção. Aos vinte anos, Tadeusz Mazowiecki encontra-se afastado do combate comunista. Anseia por uma nova ordem social, mas o seu universo é preenchido por um Deus recebido em herança. Porém, depressa vai ter que se confrontar com a questão de saber se é possível participar na vida pública da Polónia popular sem renunciar a si próprio. A sua peculiar postura de compromisso e de diálogo sem renúncia a Deus, tributária da doutrinação de Emmanuel Mounier, vai valer-lhe momentos de solidão e de profunda inquietação espiritual, mas também lhe vai permitir lançar as pontes

TADEUSZ MAZOWIECKI

O imperativo de agir e de existir num ambiente moral contaminado

MARCOS FARIAS FERREIRA

e unir os esforços de todos os que, mais tarde, se vão opor ao comunismo.

O imperativo de agir e de existir, com realismo mas sem derrotismo, junta Mazowiecki, Zablocki e Micewski, e leva-os a intervir no seio da imprensa católica, única esfera relativamente independente do poder. O projecto em que se integram procura uma concepção política e ideológica alternativa: reconciliar os católicos com a "realidade polaca", salvar a Igreja, lançar a ponte entre "progressistas" e católicos. Neste contexto, participam no movimento informal *Dzis i Jutro* (Hoje e Amanhã), um grupo de jovens dispostos a conciliar o catolicismo com as transformações socializantes que o país sofre, com o objectivo preciso de garantir a paz.

O personalismo comunitário de

Emmanuel Mounier permite a Tadeusz Mazowiecki encontrar um laço entre a sua experiência espiritual e a necessidade de empenhamento no mundo. A crise da civilização notada por Mounier, em que o "materialismo" e o "espiritualismo" proclamam valores fechados às exigências do mundos, é enfrentada com uma síntese entre catolicismo e socialismo. Também é a leitura de Mounier que incute em Mazowiecki uma liberdade radical e uma nova coerência que lhe impõe o imperativo do diálogo entre cristãos e não-cristãos. Estas ideias significam, na sua vida, o desenvolvimento de uma *cultura de acção* e de uma *responsabilidade perante a história*, sem nunca abdicar da pessoa humana e dos valores que lhe são intrínsecos. Uma

→

→
humanos à incerteza e à fragilidade das soluções sempre provisórias que resultam do consenso entre os homens. A conhecida teoria do "filósofo-rei" consagra a separação platónica entre o saber e o agir, entre os que sabem sem agir e os que agem sem saber, limitando-se a obedecer às ordens dos primeiros. Tal separação é confirmada pelo modelo de fabricação artesanal que se encontra na base da teoria das ideias, no qual a visão do modelo do objecto a fabricar é anterior e, até certo ponto, independente do fabrico do próprio objecto. Do mesmo modo, no *Crátilo*, Platão refere-se a um legislador dos nomes, que criaria as palavras de modo a fazê-las corresponder aos modelos inteligíveis das coisas que deverão designar, retirando à linguagem a ambiguidade que inevitavelmente a afecta quando é usada no espaço público em que

os homens confrontam as suas intenções.

É contra esta posição platónica, que não respeita a ambiguidade essencial da praxis e quer organizar a vida humana segundo o modelo da poiesis, que nos posicionamos. Pretensão que ameaçou boa parte do pensamento político do ocidente, "conservador" ou "revolucionário", mas que se manifesta também em determinadas formas de utopismo (tentativa delirante de organizar a esperança segundo o modelo da racionalidade científica e técnica) e sobrevive, ainda, em alguns tipos de messianismo e fundamentalismo - num certo desejo de pureza que, Vladimir Jankélévitch mostrou-o, se encontra nos antípodas do desejo de santidade.

Contra aquela pretensão, há que fazer valer uma outra ideia, segundo a qual as instituições políticas, lugar de deliberação, esgotam o seu significado

no seu próprio exercício. Nelas, os homens combinam os meios mais eficazes (mas sempre falíveis) para atingir fins razoáveis (cf. Aristoteles, *Ética a Nicómaco*, III, 5, 1113a7), pois, se retivermos a lição kantiana, a razão humana finita não tem a penetração suficiente para conhecer a totalidade das causas antecedentes que poderiam permitir uma previsão segura do êxito ou do fracasso de uma acção. Deliberação: reconhecimento de que o outro não está mais aí para ser suprimido, mas que a aceitação da razoabilidade do que ele me diz prova que a paz é possível. Finalmente (e ainda com Kant), diríamos que só podemos dar leis para as nossas acções na medida em que, previamente, é possível dar máximas para as acções, ou seja, transformar a moralidade em princípio subjectivo da acção, sem o que a própria lei, se alguma vez quisesse identificar-se com a virtude, seria apenas tirania.

→
moral de acção vai impor-se a Mazowiecki, mostrando-lhe que se pode ser católico e pensar livremente.

O movimento *Dzis i Jutro* vai dotar-se de uma estrutura formal e, sem chegar a ser um partido político, vai acabar por concorrer às eleições legislativas. Trata-se de *Pax*, a associação dirigida por Boleslaw Piasecki, e que depressa procurará conquistar o monopólio de expressão do meio católico, em linha de ruptura acelerada com o episcopado polaco, com o seu primaz Wyszynski e com a Santa Sé. Apesar do empenhamento inicial, Mazowiecki não tarda a condenar as "Linhas de conduta" de *Pax*, por quanto este documento atribui à associação o objectivo de «servir Deus servindo a Igreja, a Nação e o socialismo». Para Mazowiecki é o espiritual quem deve comandar, inspirando não uma política cristã mas uma responsabilidade cristã na política. A sua posição no seio de *Pax* degrada-se, mas a sua colaboração mantém-se, designadamente como redactor do *Semanário Católico de Wroclaw*. O combate contra os métodos e a ideologia de Pisecki leva-o a cabo a partir de dentro; menos inequívoca é a condenação do primaz Wyszynski, que apelida a via de *Pax* de desviacionismo sociocatólico, «por Deus mas sem Deus».

A leitura dos textos do pastor germânico Dietrich Bonhoeffer incutem em Mazowiecki uma inquietação espiritual e a rejeição da moral cristã que reduz à oração a resistência ao mal. Procura recuperar uma distância crítica, assume o fim das ilusões e das ingenuidades, e conclui que *Pax* não serviu o personalismo. Consegue dotar-se de uma coragem suplementar para cortar com *Pax* e repensar, como uma autocrítica, a falta de acção perante o processo de monsenhor Kaczmarek e a detenção do primaz Wyszynski. Nos passos de Mounier, Mazowiecki impõe-se participar na esfera do político sem ser político, empenhado e descomprometido ao mesmo tempo. Em Maio de 1955 a expulsão da associação transforma-o em pária do socialismo estalinista. O silêncio que lhe é imposto assume-o como uma oportunidade espiritual de se repensar profundamente, e o novo percurso toma-o como a sua cruz, sem renunciar à convicção fundamental do diálogo para uma

sociedade mais aberta, e do estabelecimento de laços entre crentes e não-crentes.

Jerzy Zawieyski e o seu *capital de silêncio* determinam o novo compromisso político de Mazowiecki, por um catolicismo empenhado na vida dos homens. Em 1956 funda então o Círculo Emmanuel Mounier que se torna o ponto de referência central do seu empenhamento espiritual e político. A "Declaração dos escritores e militantes católicos", publicada no jornal *Zycie Warszawe* e destinada ao secretário-geral Gomulka une as várias sensibilidades de católicos e pontua a necessidade da necessidade de criar uma estrutura autónoma do poder político — o *KIK*, Clube da Intelligentsia Católica. O *KIK* vai dotar-se de uma estrutura que se estende às principais cidades polacas e promove debates sobre temas sensíveis, na fronteira do espiritual e do político. A revista *Wież* (o Laço), dirigida por Mazowiecki, vai ser o símbolo do objectivo de criar laços entre vários universos juntamente com um espaço de reflexão entre cristãos e não-cristãos, espaço que se vai mostrar essencial na consolidação da oposição ao comunismo.

Até 1970, Mazowiecki vai encontrar na Dieta uma tribuna privilegiada para a expressão da sua voz autêntica, fazendo parte do grupo parlamentar *Znak*, uma das consequências da abertura de Gomulka. Expulso nesse ano, o seu percurso vai continuar a atestar o papel de charneira na impulsão e consolidação das várias tendências de opositores ao comunismo: entre revisionistas e progressistas, radicais católicos e católicos de compromissos, entre a Igreja e o mundo do trabalho, como elemento essencial do *Solidariedade*. Foi este percurso que o tornou no primeiro chefe de governo não-comunista da Europa de Leste, em 1989.

No percurso de Tadeusz Mazowiecki o diálogo aparece como uma constante, não como um compromisso mas como um método de coexistência que postula uma incessante interacção; a busca de um lugar de reencontro dos homens e de uma nova visão do catolicismo, da imagem da Igreja e da fé: enfim, a acção que procura lançar os pontos de referência éticos e espirituais num universo ateu ou, como diria Václav Havel num discurso histórico, num ambiente moral contaminado.

Silvestre Pinheiro Ferreira – Sesquicentenário

PAULO AMORIM

Mestrando em Filosofia pela UCP

A uma distância de 150 anos da morte de Silvestre Pinheiro Ferreira, pretendo contribuir para que se lhe faça justiça, porque se trata de um português, de um pensador político, de um homem comprometido e empenhado, também, com a defesa do bem comum de um povo, e, nesse sentido, constitui uma referência obrigatória numa reflexão acerca do exercício da cidadania.

A figura do pensador português tem sido muitas vezes esquecida, e pouco estudada, como aliás chamou a atenção Joaquim de Carvalho, quer nas *Obras Completas*, quer nos manuscritos que Pinheiro Ferreira compilou e que foram editados postumamente pela Imprensa da Universidade de Coimbra, quer na correspondência inédita, num acervo que merece uma releitura. Mais remotamente alertava Lopes Praça na sua **História da Filosofia em Portugal**: «Depois de tudo isto, o que muito é para sentir-se é que entre nós as obras do Sr. Pinheiro Ferreira, principalmente sobre o *Direito das Gentes* e o *Direito Público*, não obtivessem a popularidade que mereciam, donde podiam resultar tão vantajosas e necessárias consequências. O ilustre publicista queria preparar a inteligência dos portugueses para devidamente compreender as fases porque estava passando, tal como as outras nações da Europa, a governação pública de Portugal. Os homens inteligentes deste país começam a fazer-lhe justiça, e não virá longe o dia em que se faça justiça inteira.»¹

Pinheiro Ferreira apresenta-se-nos dotado de uma personalidade vasta e complexa, como pensador interessado pela Filosofia, Ciências, Direito, Econo-

¹ LOPES PRAÇA, *História da Filosofia em Portugal nas suas relações com o movimento geral da filosofia*, Coimbra, Imprensa Literária (1868).